



FOTOS: DIVULGAÇÃO

**PORQUE HOJE É SÁBADO.** Arriete Vilela e os pensadores dialogam com Eliana Kefalás Oliveira. A doutora em Teoria e História Literária realiza pesquisa sobre leitura literária, performance e formação de leitor

VERÍSSIMO: +  
"Por que não dar aos clubes de futebol a mesma isenção de impostos dada às igrejas?"  
.B5



Sábado 16/05/2015

Corpo as palavras não são as coisas, elas têm a possibilidade de reverter o peso e a leveza do mundo"

# "HÁ TANTOS TIPOS DE SILÊNCIO DENTRO DO SILÊNCIO... COMO EXPLICÁ-LO EM PALAVRAS?"

ARRIETE VILELA  
ESPECIAL PARA A GAZETA

Eliana Kefalás Oliveira é graduada em Licenciatura e Bacharelado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Realizou o mestrado na Faculdade de Educação da Unicamp. É doutora em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Atualmente é docente da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde realiza pesquisa sobre leitura literária, performance e formação de leitor. É integrante do Grupo de Pesquisa "Poéticas Intertartes". Desde 2004, oferece cursos de extensão de leitura, vocalidade poética e performance voltados para professores da rede pública e interessados em geral. Publicou o livro *Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário*, pela Editora Autores Associados.

**"Há bons casamentos, mas não deliciosos?" (La Rochefoucauld)**

**Eliana Kefalás Oliveira.** Quando um coração enxerga o que brilha (ou o que fulgura) no do outro, não há como não dizer que não houve ali um certo tipo de casamento. O tempo que cada casamento dura pode ser o de um instante, de meses, de anos, ou o de uma vida toda. O que faria um casamento perdurar? Já achei, certo dia, que seria a tolerância. Aquela tolerância de um casamento bom. Mas não é. Desconfio de que o que torna o casamento delicioso (sim, acredito que casar pode ser delicioso) é a vontade de tecer descobertas, a curiosidade, o deleite. É bem verdade que a vida não é só desfrute, mas quando perdemos – no casamento

– a vontade de reinventar cada momento da vida, a relação começa a esmorecer, porque esmorecemos nós mesmos. São deliciosos, sim, os casamentos, justamente porque nos provocam, nos desafiam a viver a vida com a medida da alegria um pouco acima da dos aborrecimentos.

**"A força da alienação vem da fragilidade dos indivíduos que apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une" (Milton Santos)**

O primeiro homem que fincou uma estaca na terra e disse que era dele tal propriedade (tal como afirmou Rousseau) fundou ali o signo nuclear da sociedade: a divisão. Dividir para dominar. Esquartejamos o solo, todas as riquezas naturais e, também, o corpo. Parece-me que a necessidade de tomar posse, de se apropriar de algo, de controlá-lo, cinde também algo dentro do homem, a sua integração entre o afeto e o pensamento. Talvez essa cisão seja um indício da real natureza humana, a perversa. Não acredito que a alienação advinha da fragilidade dos indivíduos, mas da sua indole mais afeita à maldade do que à ternura. Já acreditei que a educação poderia mudar o homem. Hoje creio que só quando resolvermos nos extinguir de fato, o mundo terá chance de melhorar. Não seria fundamental reconhecer em nós, antes de tudo, nossa inclinação para um egoísmo radical? Essa constatação talvez pudesse ser a fonte de uma saída estreita para o homem, a da humildade sóbria. Pouco a pouco desapareceríamos da face da terra, deixando que o mundo des-cansasse de nós...

**"Tanto vai a gata ao toucinho que deixa a patinha?"**

**(Ditado popular)**

Releitura brincante do dito no ditado: Mas chega uma hora que ele diz não. Em mim, não Ela, a gata, pisa, pisa, no meu coração. Mas chega uma hora que ele diz não.

**"A beleza de um verso não está no que diz, mas no poder encantatório das palavras; um verso é uma fórmula mágica" (Mario Quintana)**

Como as palavras não são as coisas, elas têm a possibilidade de reverter o peso e a leveza do mundo. Quanto pesa uma palavra? Qual a real medida dela? Um "não", mesmo tão curto, com tão poucas letras, pode ser cravado quase como punhal dentro da gente. Outras palavras podem agraciar, acordar o corpo, quase fazê-lo levantar. A matéria da palavra é dinâmica, mutante, metamorfose ambulante. O verso parece lidar exatamente com essa dimensão mágica do verbo. O verso, o verbo. Troca-se uma letra e a palavra vira outra. A poesia trabalha justamente com a potência da matéria etérea da palavra. Esse trato que a poesia dá na língua nos permite recordar de algo fundamental em nós, a possibilidade de significar e resignificar as coisas. O verso quer manusear essa reinvenção dos sentidos dada pela força magnética das palavras. E esses versos, verbos condensados, guardam em si matrizes sonoras. Se nos dermos a oportunidade de colocar na voz a fórmula de um verso (não só executando as palavras, mas as experimentando), a transformação, a mutação inscrita no poema, pode acontecer mais vivamente em nós, porque, como a voz vibra em nosso corpo, então a



ELIANA KEFALÁS  
PROFESSORA E  
PESQUISADORA

**"O verso quer manusear essa reinvenção dos sentidos dada pela força magnética das palavras. E esses versos, verbos condensados, guardam em si matrizes sonoras. Se nos dermos a oportunidade de colocar na voz a fórmula de um verso (não só executando as palavras, mas as experimentando), a transformação, a mutação inscrita no poema, pode acontecer mais vivamente em nós, porque, como a voz vibra em nosso corpo, então a palavra vibra também em nós"**

palavra vibra também em nós. Dizer de diversos modos um verso possibilita que a sequência de palavras inscritas em um poema realize algo na gente: a redescoberta dos sons, do ritmo, da própria voz e do corpo. Parece que o verso fica lá à espera de um corpo. Quando alguém se põe a ler, deixando-se atravessar pelas armadilhas feitiçeras de palavras que são os poemas, então a mandinga acontece, a gente cai pra dentro do verso, e as palavras se põem a girar em nós, passam a nos habitar, tatuam nossa memória, redesenham a imaginação.

**"As noivas modernas preferem conservar os buquês e jogar seus maridos fora" (Groucho Marx)**

Como diria Guimarães Rosa, "o mundo está dessa forma". No conto desse escritor mineiro ("Sorôco, sua mãe, sua filha"), essa frase é dita quando um homem – Sorôco – trazia sua mãe e sua filha para serem levadas em um trem para Barbacena, para serem internadas em um hospício. Guimarães Rosa associa o percurso de Sorôco com as duas mulheres até o trem com o da "entrada em igreja, num casório", mas uma travessia que, para ele, também "era tristeza", "parecia enterro". Nesse conto, as mulheres vão, seguem em frente o destino impreciso, e o homem volta. A elas é reservado o trem, a viagem, o delírio de uma canção. Trata-se de uma despedida. Talvez ali esteja o sinal dos tempos. Enquanto eles, os homens, voltam para suas casas, elas, as mulheres, seguem adiante, na linha do trem, no fio da navalha. As mulheres e os homens despedem-se de si. Elas jogam seus maridos fora, ficam com o buquê. Mas por que haveriam de preferir o

buquê? Talvez pelo mapa de sensações e de sentidos que ele conserva em si. Das duas, uma: ou os homens esqueceram o perfume das rosas, ou os buquês exalam algo mais que nenhum homem poderia (neste mundo dessa forma) dar... Voltando ao conto: se, por um lado, a cantiga cantada pelas duas mulheres (a mãe e a filha) não cabia mais na casa daquele homem e nem na cidade, por outro lado, ao mesmo tempo, era exatamente essa canção o desejo maior de todos, tanto que assim que as duas mulheres se foram no oco do trem, Sorôco e todo o povo que estava ali assistindo àquela despedida começaram a cantar também "a cantiga, mesma, de desatino, que as duas tinham cantado", "principiaram também a acompanhar aquele canto sem razão". Infelizmente, o mundo está dessa forma: nele não cabe a cantiga sem razão. Nele não cabe o amor extremo. Resta-nos a solidão lírica dos buquês... As mulheres com seus buquês seguem para um lado enquanto seus maridos voltam para suas casas, sem cor, sem perfume, sem nada.

**"O silêncio é a mais perfeita expressão do desprezo" (G. Bernard Shaw)**

Há tantos tipos de silêncio dentro do silêncio... Como explicá-lo em palavras? Mais certo seria calar, aquietar, deixar o mundo um pouco sem explicações. Prefiro escutar o silêncio, prefiro viver o silêncio e ver o que aparece quando alguns vazios se fazem presentes...

Ah, o silêncio.

O silêên...

O siii

ssss

sss

s

s